

(des)construções e vazios urbanos como não-lugares

Bárbara Clemente Albino Silva

Resumo

A pesquisa busca criar um panorama entre a paisagem urbana, com foco nas mudanças que nela ocorrem no contexto atual, e a perda da escala humana da cidade. Além de abordar o modo como o ponto de vista artístico-expressivo dialoga com esses fatores, consta também na pesquisa estudos de campo no qual foram realizadas caminhadas pela cidade de São Paulo.

Palavras-chave:

Paisagem Urbana, Gordon Matta-Clark, Arquitetura e Urbanismo

Introdução

A pesquisa propõe entrar em contato com noções de espaço e não-lugar, além de explorar os conceitos de metamorfoses e vazios na paisagem urbana contemporânea mantendo o foco na cidade de São Paulo. O panorama teórico que constrói a pesquisa foi acompanhado por registros fotográficos de deambulações e visitas a campo com finalidade de produção artística. A interdisciplinaridade entre artes visuais e arquitetura se manifesta também na análise de trabalhos do artista Gordon Matta-Clark, cuja poética se relaciona ao tema e conceitos apresentados.

Resultados e Discussão

A cidade de São Paulo tem como característica a falta de planejamento urbano e o crescimento desordenado tanto das regiões centrais quanto das zonas periféricas que já sofreram o processo de conurbação e atualmente crescem verticalmente, criando um fenômeno de colagem arquitetônica onde os edifícios são expandidos ou demolidos com finalidade de multiplicar os espaços existentes. Os vazios gerados pelas demolições chamam a atenção porque expõe resíduos de estruturas passadas, cuja presença é ressaltada pela própria ausência que possibilita uma quebra na composição sobrecarregada da paisagem urbana.



Figura 1. Open House, Gordon Matta-Clark.

Ao relacionar se com a ideia de resíduos arquitetônicos Matta-Clark sintetiza o pensamento da arte contemporânea, que valoriza o processo e os rastros imateriais de determinado objeto, ao desvelar a estrutura dos edifícios onde realizava os cortes tornava os

espaços instáveis rompendo com a ideia de uma arquitetura unificada e funcional defendida pelo projeto modernista. Questiona não apenas a arquitetura mas também o entorno no qual localizam se os edifícios, normalmente áreas abandonadas ou designadas a demolição, portanto, mesmo que indiretamente cai no campo do urbanismo e levanta reflexões sobre o processo de gentrificação presente nessas áreas.

Conclusão

Através da retomada da experiência da cidade pela caminhada foi possível criar uma relação mais próxima com a paisagem urbana e perceber elementos que, ao optar por outro modo de locomoção como carro ou metrô, não seriam notados devido a fatores como velocidade de deslocamento e distância em relação ao ambiente externo que esses meios proporcionam.



Figura 2. Rua da Consolação, São Paulo, 2016.

ARANTES, Antônio. O espaço da diferença. Campinas: Papyrus Editora, 2000.

AUGÉ, Marc. Não-Lugares. Campinas: Papyrus Editora, 2010.

_____. Por uma antropologia da mobilidade, Maceió: EDUFAL, 2009.

BRISSAC PEIXOTO, Nelson. Paisagens urbanas. São Paulo: Senac, 2009.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico. São Paulo: Editora 34, 1993.